

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA**  
**27 e 29 de Julho de 2022**

**AD ASTRA / 2019**  
**(Ad Astra)**

*Um filme de James Gray*

Realização: James Gray / Argumento: James Gray e Ethan Gross / Direcção de Fotografia: Hoyte van Hoytema / Música: Max Richter / Direcção Artística: Kevin Thompson e Christa Munro / Guarda-Roupa: Albert Wolsky / Som: Grant Elder, Gary Rydstrom, Tom Johnson e Mark Ulano / Montagem: John Axelrad e Lee Haugen / Efeitos Visuais: Allen Maris, Jedediah Smith, Guillaume Rocheron e Scott R. Fisher / Interpretação: Brad Pitt (Roy McBride), Tommy Lee Jones (H. Clifford McBride), Ruth Negga (Helen Lantos), Donald Sutherland (Thomas Pruitt), Kimberly Elise (Lorraine Deavers), Loren Dean (Donald Stanford), Donnie Keshawarz (Lawrence Tanner), Sean Blakemore (Willie Levant), etc.

Produção: Twentieth Century-Fox / Produtores: James Gray, Brad Pitt, Dede Gardner, Anthony Katagas, Jeremy Kleiner, Arnon Milchan e Rodrigo Teixeira / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendas electrónicas em português / Duração: 123 minutos / Estreia em Portugal: 19 de Setembro de 2019.

*A sessão de dia 27 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos*

\*\*\*

**The Lost City of Z**, o filme anterior de James Gray, acabava com um pai e um filho a desaparecerem na selva, e um plano extraordinário da mulher e mãe a cruzar uma porta doméstica que, pelas artes mágicas dos efeitos visuais, dava para um espaço que se transformava, também ele, numa selva. De entre todas as ideias para começar um texto sobre **Ad Astra**, esta vale tanto como qualquer outra: os filmes de James Gray fazem todos “raccord” uns com os outros (como os filmes de Kubrick, referência até não despropositada no âmbito de **Ad Astra**, que contém, sendo o filme de ficção científica de Gray, o que parece uma vénia – a cena dos símios assassinos – ao **2001**). A mulher que se perde na selva à procura do marido e do filho, numa demanda que ficava eternamente em “off”, corresponde ao protagonista deste filme, Brad Pitt, que se embrenha na “selva” do espaço sideral à procura do pai, um astronauta que liderava uma missão à procura de vida inteligente no universo e há muito fora de controlo e em localização incerta.

Parece um resumo (ver em Tommy Lee Jones, a personagem do pai, uma espécie de Kurtz) do **Apocalypse Now!** de Coppola, ou da sua fonte conradiana, *O Coração das Trevas*, e de certa forma é mesmo isso. Como já **Lost City of Z** era. Os filmes de Gray não fazem só “raccord” uns com os outros, mas rimam-se, repetem-se, transportam-se uns nos outros. Ninguém trabalha assim, actualmente (e pelo menos no cinema americano), como James Gray, como se cada novo filme não correspondesse apenas a

um momento “prospectivo”, a um “avanço”, mas tivesse também um efeito “retrospectivo” capaz de alterar os filmes anteriores. *Little Odessa*, o opus 1 de Gray (em 1994), é hoje um filme *diferente* do que era quando estreou, mas porque as seis longas-metragens que se lhe seguiram de alguma forma o *remontaram*. E todos os filmes de Gray se “remontam” uns aos outros, a consciência que ele tem de uma ideia de conjunto de filmes (por oposição a um pensamento “filme a filme”, objectos únicos onde, de cada vez, tudo começa e tudo acaba) é extraordinária, e também por isso é difícil, e até indesejável, tomá-los como entidades estanques: pega-se numa ponta da obra de Gray e vem o resto da obra atrás.

E quando se pega em **Ad Astra** o filme que mais vem colado é mesmo o anterior, **Lost City of Z**. Por ironia certamente premeditada, correspondem às duas extremidades “de época” na obra de Gray: o princípio do século XX em **Lost City**, o futuro remoto em **Ad Astra**. Ambos “conradianos”, propõem uma geometria diferente para histórias que, excluindo os ambientes (históricos ou de género), são muito parecidas. **Lost City**, sendo um filme sobre a frustração da busca por uma antiga cidade pré-colombiana que nunca se encontra, funcionava por constantes interrupções, linhas que se quebravam abruptamente para depois recomeçarem, à medida em que os exploradores viajavam entre a América do Sul e a Europa. **Ad Astra**, sendo um filme sobre a frustração da busca por algo (a vida alienígena inteligente) que também nunca se encontra, funciona como uma grande linha vertical que nunca se quebra (e a viagem de Brad Pitt que estrutura o relato do filme, uma viagem de estação espacial em estação espacial sempre mais para cima rumo aos confins visitáveis do universo, oferece uma tradução ao mesmo tempo narrativa e visual para esta grande linha vertical).

A exploração, que sendo no espaço (em todos os sentidos da palavra) é também uma exploração interior, a procura da descoberta rima com a procura da auto-descoberta (e notar-se-á a grande novidade de **Ad Astra**: a voz “off” da personagem de Pitt, absolutamente central, e absolutamente estruturante, por onde ecoam, e até se explicitam, traços sempre dominantes em Gray, como o tema da família, muito para além da relação com o pai que é o sinal narrativamente mais protuberante). E, de entre todas as reverberações (múltiplas reverberações) do filme, talvez aquela que ressoe com mais força seja a questão da ausência de respostas no fim do caminho. Um “explorador”, real ou figurado, tem que estar preparado para não encontrar *nada*. Por isso é tão importante o discurso de Pitt quando explica a razão da loucura do pai: todos aqueles mundos distantes, cheios de “awe and wonder”, cuja beleza era, afinal, apenas uma “superfície sublime”, e nada tinha para corresponder à sua própria promessa. Nada tinha ou, mais propriamente, tinha *nada*.

E este é um dos temas mais fortes do filme: a possibilidade de não haver nada no fim do caminho. Como dizia a Morte do **Sétimo Selo** de Bergman ao cavaleiro interpretado por Max von Sydow, “não haver nada é uma possibilidade”. **Ad Astra** encontra a mesma inquietação, de forma sublime: é um dos mais belos filmes americanos do século XXI.

Luís Miguel Oliveira